

O HIATO AMBIENTAL E SUAS DIVERGÊNCIAS ENTRE QUERER E EFETIVAR AÇÕES EM BENEFÍCIO DO MEIO AMBIENTE

Antônio Ribeiro Bomfim¹
tayloribeiro@uol.com.br

Resumo

Este texto tem o objetivo de mostrar que o tema meio ambiente ainda permanece no campo da retórica. Mesmo comprovado o avançado processo da degradação dos recursos naturais e os inúmeros alerta sobre as conseqüências advinda da ação humana, a discussão ainda permanece entre os cientistas e teóricos. A população, principalmente dos países em desenvolvimento, que mais sofre com as mudanças ocorridas no ambiente, continua sem as informações necessárias e afastada do processo decisório, mesmo possuindo farto conhecimento prático e milenar. Ainda são poucas as mudanças de comportamento capazes de provocar reais transformações nas relações homem-natureza e crescimento econômico e desenvolvimento humano.

O texto trás ainda reflexões sobre as políticas adotadas pelos governos para encontrar meios viáveis de implementação do verdadeiro desenvolvimento sustentável. Aborda também a questão das instituições e órgãos criados com fins de auxiliar governantes do mundo inteiro, seja com informação, técnica e até mesmo financeiramente.

Para tanto, foi necessário uma criteriosa revisão bibliográfica, recorrendo a documentos preciosos como o relatório da Comissão Mundial para o Meio Ambiente e Desenvolvimento (Nosso futuro comum), publicado em 1987. Por fim, argumento que a problemática ambiental ainda arrasta inúmeras divergências quanto o querer e efetivar ações em benefício do meio ambiente.

Abstract

This text is intended to show that the environment issue still remains in the field of rhetoric. Even demonstrated the advanced process of degradation of natural resources and the numerous warning about the consequences arising from human action, the discussion still remains between scientists and theorists. The population, mainly in developing countries, which suffer more with changes in the environment, still without the necessary information and from the decision-making process, even tired having practical knowledge and millennial. Although few changes of behaviour capable of causing real change in relations man-nature and economic growth and human development.

The text still thinking back on the policies adopted by governments to find viable means of implementation of real sustainable development. Also addresses the issue of the institutions and organs created for purposes of assisting governments around the world, be it with information, technical and even financially.

¹ Graduado em Administração de Empresas pela FACDESCO e Pós-graduando em Meio Ambiente e Desenvolvimento pela UESB.

For both, had to be a careful review literature, using precious documents and the report by the World Commission on Environment and Development (Our Common Future), published in 1987. Finally, the argument that environmental problems still going to want as many differences and effective actions to benefit the environment.

Introdução

Das conferências internacionais para os seminários acadêmicos e agora na mídia. E cada vez mais as questões ambientais ganham espaço em todos os meios de comunicação. A discussão tornou-se assunto de cunho popular.

A exploração do planeta de forma irracional, pelo homem, parece ter atingido seu ápice. O que levou cientistas e autoridades do mundo inteiro a se unirem em busca de soluções para o problema.

O impacto humano sobre os recursos globais, dos quais depende a humanidade, aumentou de forma abrupta. E o caminho que ora trilhamos, parece ser, cada vez mais, insustentável.

Peter Vitousek, professor da universidade de Stanford, afirma que: os seres humanos agora exploram 50% do potencial fotossintético terrestre; eles despejam agora um quarto do dióxido de carbono na atmosfera; eles usam 60% do escoamento acessível dos rios; eles são responsáveis por 60% da fixação de nitrogênio do planeta; eles são responsáveis por um quinto de todas as invasões de plantas; ao longo dos últimos dois milênios eles provocaram a extinção de um quarto de todas as espécies de aves; e exploraram em excesso mais da metade da pesca do mundo.

Hoje, sabemos que a crise que o planeta enfrenta – mudanças climáticas, aquecimento global e desmatamento – são consequência do processo de desenvolvimento adotado pelas nações industrializadas e da explosão demográfica.

Mas essa não é uma crise isolada. As crises ambiental, de desenvolvimento, social e energética são uma só. Não há como separá-las. A economia e a ecologia são indissociáveis, formando uma teia inteira de causas e efeitos.

Não obstante, as projeções para o futuro parecem jogar contra a incessante busca por uma eficaz gestão ambiental dos bens globais. Projeções da ONU divulgadas em 2007 mostram que até 2050 a população mundial aumentará 40%, chegando próximo dos 10 bilhões de criaturas povoando e explorando a Terra. E o crescimento populacional, sem previsão para estabilizar-se, parece mesmo ser um dos grandes vilões da crise ambiental.

São várias as indicações dos estudiosos para a origem dessa patologia que aterroriza a humanidade. A revolução industrial cresceu sem precedentes na segunda metade do último século. A nova tecnologia propulsora do crescimento econômico, também trás sérios riscos para a vida humana: resíduos radioativos, produtos químicos e chuva ácida. Para Guattari (1990:7), “o planeta vive um período de intensas transformações técnico-científicas, em contrapartida das quais engendram-se fenômenos de desequilíbrios ecológicos que, se não forem remediados, no limite, ameaçam a vida em sua superfície.”

O abismo entre nações ricas e pobres aumenta continuamente, levando povos à miséria absoluta. E essa dicotomia econômico-social está no cerne das crises apresentada à humanidade.

A exploração dos países subdesenvolvidos pelos desenvolvidos tem sido a mola mestra do crescimento econômico e essa exploração antropológica, vem provocando crise social mundo a fora. Esse modelo de desenvolvimento já provou-se patológico e nocivo para todos.

Fome e doenças, já extintas no mundo desenvolvido, proliferam-se no seio das nações pobres. Por falta de recursos e profissionais capacitados esses países assistem ao extermínios de parte da sua população.

A ajuda proveniente dos estados ricos quase nunca chegam, e quando são enviadas é insipiente para atender a todos. Sem trabalho e outras fonte de renda, a população é obrigada a trabalhar em regime de escravidão explorando os recursos naturais que as nações pobres dispõem.

Neste sentido, GATARRI (1990) nos diz que:

Paralelamente a tais perturbações, os modos de vida humanos individuais e coletivos evoluem no sentido de uma progressiva deterioração (p. 7).

A destruição das florestas, emissão de poluentes na atmosfera, a poluição dos recursos hídricos e o mau uso da terra são conseqüências da ação antrópica que colocam em risco a continuidade da espécie humana no planeta.

A vontade política

Mesmo diante de tantas mazelas e ameaças, fica claro a falta de política que possa minimizar a atual crise. Nações desenvolvidas econômica e tecnologicamente que podem contribuir com a disseminação do conhecimento demonstram comportamento sádico diante da situação enfrentada pelo mundo subdesenvolvido.

As conferências organizadas para analisar, diagnosticar e propor soluções viáveis para a crise econômica e ecológica parecem ineficazes.

Estabilização da população, segurança alimentar, preservação de espécies e ecossistemas, fontes de energia segura e duradoura, crescimento industrial e urbanização, são políticas necessárias e urgentes que o mundo poderia concentrar seu foco.

Não percebemos políticas direcionadas para a estabilização da população, sendo a redução da mortalidade infantil e o aumento da expectativa de vida fortes aliados da explosão demográfica.

A revolução verde, com grandes excedentes, ocorrida a partir da segunda metade do século passado fez com que os governos fechassem os olhos à possíveis crises de alimentos, já sentida em várias partes do mundo.

O número de espécies que desapareceram desde o aparecimento do homem é gigantesca, muitas das quais essenciais para a vida do próprio homem. Ecossistemas inteiros são sacrificados em nome do crescimento e desenvolvimento econômico, e o que vemos são ações isoladas de entidades não-governamentais que lutam pela preservação das espécies.

A esse respeito, BURNIE (2008,14), citando Darwin nos lembra:

Não é a espécie mais forte que sobrevive, nem a mais inteligente, mas aquelas que reagem de maneira mais positiva às mudanças.

O aumento no consumo de energia nas quatro últimas décadas foi praticamente maior que em toda história do homem, levando à finitude das fontes convencionais de energia. A retórica das fontes de energia alternativas não deixa claro os obstáculos e incertezas em seu caminho.

A base para o crescimento industrial sempre foi os recursos ambientais. Aliada com a nova tecnologia a indústria demonstrou não ser possível a existência de relação harmoniosa com a natureza. Mas as nações continuam buscando a eficácia industrial como medida para o crescimento econômico, não se importando com as consequências daí geradas.

O processo de urbanização das metrópoles, por enquanto, ainda não despertou a atenção dos governantes. O crescimento desordenado das megalópoles trazem não apenas problemas ambientais como também, de saúde, social e econômico.

A institucionalização

Muitas foram as instituições criadas para ajudarem governantes do mundo inteiro na busca por caminhos que conduzam a humanidade à condições igualitárias e um desenvolvimento sustentável.

Muito pouco tem sido a atenção dispensadas para essas organizações. Pelos idos de 1984, um grupo de cientistas do mundo inteiro fora reunidos, surgia a Comissão Mundial sobre meio Ambiente e Desenvolvimento com a missão de formular *“Uma agenda global de mudanças”*. Em 1987 foi publicado pela Oxford University o resultado dos trabalhos da comissão, intitulado **Our common future** (Nosso futuro comum).

Considerado por todos como sendo o mais importante documento deste gênero, das recomendações sugeridas pela comissão muito pouco ou nada tem sido adotado pela nações de todo o mundo.

Muitas das divisões da ONU trabalham incessantemente na busca pelo desenvolvimento, verdadeiramente, sustentável indispensável para o desenvolvimento global. Porém, a inércia de algumas instituições e órgãos faz com que o progresso material de algumas elites seja obtido às expensas da qualidade de vida.

Não obstante, tais instituições independentes e limitadas sempre ficam fora do processo de decisões dos governantes, os quais demonstram muita relutância em reconhecer devidamente a necessidade de mudarem. Conforme destaca a CMMAD uma das grandes falhas dos governos, no que diz respeito enfrentar os desafios entre o meio ambiente e o desenvolvimento é:

A incapacidade de fazerem com que os organismos cujas práticas deterioram o meio ambiente se comprometam a adotar medidas que evitem essa deterioração (CMMAD 1998:11).

A surgimento de muitas instituições proporcionou a sociedade de modo geral a idéia de que sozinhas, elas seriam capazes de proteger e aumentar a base dos recursos naturais.

Em muitos casos surgem zonas de conflitos entre órgãos governamentais, os quais deveriam possuir um único objetivo. Quase sempre os órgãos responsáveis pelo desenvolvimento industrial chocam-se com os responsáveis por preservar o meio ambiente e acabam não entrando consenso entre crescer e preservar.

Mas do que nunca faz necessário atribuir a todas as instituições – econômica, ambiental, social – a responsabilidade pelas questões do meio ambiente humano afetadas por suas decisões, e em delegar poder aos órgãos ambientais para enfrentarem os efeitos do mau-desenvolvimento sustentável.

Desenvolvimento não-sustentável

Mesmo dispondo de vários conceitos o desenvolvimento sustentável ainda não saiu do campo da retórica, não por seus vários e limitados conceitos, mas pela inflexibilidade do ser humano.

Desenvolver de forma sustentável vai além da preservação dos recursos naturais. É um desenvolvimento equitativo que proporcione oportunidades para todos: distribuição de renda igualitária, saúde e educação básica, acesso a água potável e alimentação e fim da exclusão social.

A busca por indicadores de crescimento econômico ignora, não apenas muitos dos pontos citados, como a própria capacidade da natureza em suportar seus tais padrões de crescimento.. A concentração de riqueza na mão de alguns, a forte exploração dos pobres pelos ricos e a degradação do capital natural descaracteriza quaisquer dos conceitos de desenvolvimento sustentável.

Com uma sociedade altamente consumista, a atividade econômica cresceu gerando uma economia mundial de trilhões de dólares. Indústria e agricultura, juntas são responsáveis por poluírem absurdamente o solo e os recursos hídricos. Não podemos continuar acreditando que o desenvolvimento sustentável e a sustentabilidade dos recursos constitui-se na panacéia para os problemas relacionados com o meio ambiente.

Florestas estão sendo derrubadas para dar lugar a lavouras em larga escala e depois savanas improdutivas. Rios estão secando, para que metrópoles sofram com a falta de água potável. E a falta de água já está trazendo transtornos preocupantes para algumas populações, como os países africanos e asiáticos.

A falta de higiene tem feito proliferar inúmeras doenças naqueles países, das quais muitas já foram a muito extintas nas nações desenvolvidas.

Para VEIGA (2006, 20), a questão da água deve ser tratada com certa prioridade:

Mesmo que se reduza a velocidade do crescimento global, se a questão da água não for enfrentada, sozinha ela poderá destruir sociedades contemporâneas.

Cada vez mais uso de fertilizantes e agrotóxicos é intensificado, pela eficiência na produção agrícola. Existem pouco mais de 1 bilhão de carros trafegando pelo mundo, e a estimativa é que mais 1 bilhão seja adicionado a essa frota até o final da próxima década, porque a demanda é crescente.

Para que o desenvolvimento sustentável tenha êxito, faz-se necessária mudanças abruptas nas relações entre homem / natureza e a forma como vemos o mundo. É necessário mudanças econômicas, sociais e metas. Assim a equação crescimento econômico / desenvolvimento humano tenha quociente positivo.

Mas essas mudanças ainda estão aquém do que o planeta precisa para recompor-se. Muitos são os discursos, as conferências e os seminários internacionais, mas poucas são as práticas em benefício do meio ambiente.

Mais uma vez, VEIGA (2006, 17) nos adverte:

Mesmo assim, são recentíssimas as mudanças de atitudes em relação à natureza decorrentes da consciência de que é necessária a conservação ambiental.

A ausência de mudanças, o crescimento populacional desenfreado, o avançado estado de degradação ambiental e a falta de políticas viáveis para os países em vias de desenvolvimento estão levando cientistas como James Lovelock, autoridade em questões ambientais, a desacreditarem na viabilidade do desenvolvimento sustentável.

Esperar que o desenvolvimento sustentável ou a confiança em deixar as coisas como estão sejam políticas viáveis é como esperar que uma vítima de câncer no pulmão seja curada parando de fumar (LOVELOCK 2006:17).

Criador da Hipótese de Gaia, estudo que indica a auto-regulação do clima da Terra, na década de 60 o autor já previa que até 2100 95% da humanidade seria extinta, caso o processo de aquecimento da terra não for reduzido.

Torna-se evidente que para essa e as futuras gerações gozem de um meio ambiente saudável e boa qualidade de vida, é necessário um conjunto de fatores, devendo estes serem acompanhados de ações sérias e em dimensões internacionais. Somente mudanças em escala global poderão atenuar os impactos sofridos pelo planeta e garantir às próximas gerações o direito a vida.

CONSIDERAÇÕES

O levantamento bibliográfico feito, possibilitou a compreensão de que a atual situação do planeta é grave. As marcas deixadas pela evolução da humanidade são perceptíveis e têm consequências gravíssimas.

Os meios que usamos para buscarmos a prosperidade não possuem sintonia com o meio ambiente e os recursos naturais. Faltam políticas que viabilizem o fim das desigualdades entre os povos. Percebe-se que, mesmo diante de um planeta esgotado, a humanidade pouco tem feito para reparar os danos causados e que mesmo boas idéias, como a do desenvolvimento sustentável, poderão não garantir o direito a vida para as futuras gerações.

Acredito que apenas uma mudança política, econômica e social em escala planetária poderá atenuar a crise ecológica que ora vive a humanidade.

Precisamos repensar nossas atitudes, nossos usos e consumos, nossas necessidades, bem como a organização de nossas cidades.

Como reconhece GATARRI (1990, 9):

Não haverá verdadeira resposta à crise ecológica a não ser em escala planetária e com a condição de que se opere uma autêntica revolução política, social e cultural reorientando os objetivos da produção de bens materiais e imateriais.

REFERÊNCIAS

BURNIE, David. **Evolução**: a adaptação e a sobrevivência dos seres no planeta; (tradução de Elvira Serapicos). Editora Publifolha, São Paulo, 2008.

COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO. **Nosso Futuro Comum**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1988. xviii, 430p.

GUATTARI, Félix. **As Três Ecologias**; tradução de Maria Cristina F. Bittencourt; Capinas – SP: Editora Papirus, 1990.

VEIGA, José Eli da. **Meio Ambiente & Desenvolvimento**. Editora Senac São Paulo, 2006.